

P.^E ALBERTO DA ROCHA MARTINS

**ELOGIO FÚNEBRE DO COMENDADOR
ANTÓNIO MARIA SANTOS DA CUNHA**



**SÉ DE BRAGA
26-4-1972**

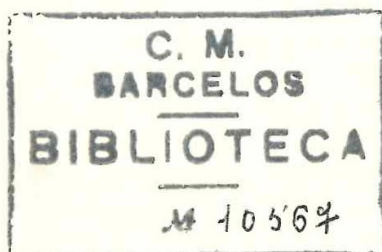


Cunha, António M
R

G. M. S.
BIBLIOTECA

P.^E ALBERTO DA ROCHA MARTINS

**ELOGIO FÚNEBRE DO COMENDADOR
ANTÓNIO MARIA SANTOS DA CUNHA**



**SÉ DE BRAGA
26-4-1972**

A ABRIR...

A amizade, quando pura, é semente que só pode florir no coração do homem...

Uma amizade sincera, cimentada pelas horas boas e más da vida, ligou-me ao Comendador António Santos da Cunha. Por esse motivo, embora vencendo a terrível relutância da dor e da saudade, acedi ao convite honroso de proferir, na Sé de Braga, o seu elogio fúnebre. O convite foi-me feito pelo Venerando Arcebispo. Não podia negar-me a proferir palavras de ternura e de justiça sobre essa figura de gigante que animou e promoveu o progresso de Braga, ligando o seu nome a obras verdadeiramente assombrosas que jamais poderão ser esquecidas.

Publico, agora, essas palavras. Já as não anima a emoção do momento nem a eloquência dum auditório selecto e que enchia por completo a Sé Catedral Bracarense nem a magia do cenário e gesto que as envolveram. Saem, assim, pobrezinhas, despidas de tudo, menos do mesmo sentimento de ternura e infundável saudade.

Aí ficam como preito de homenagem sentida.

Abril de 1973

O Autor

**COMENDADOR ANTÓNIO MARIA
SANTOS DA CUNHA**

(Nasceu a 10 de Novembro de 1911)

(Faleceu a 26 de Março de 1972)



Bonum Certamen Certavi, Cursum Consumavi,
Fidem Servavi. In Reliquo Reposita est Mihi
Coronam Justitiae quam Redet mihi Dominus
Justus Judex

S. Paulo na 2.^a Espístola a Timóteo Cap. IV-78 (1)

Quem lê e medita a História da Igreja, por vezes dolorosamente atribulada, terá de reconhecer que S. Paulo, por tudo quanto realizou, foi uma das suas figuras mais proeminentes. A sua personalidade emerge como lutador corajoso e destemido, quando persegue a Igreja nascente; lutador e amorosamente destemido, quando a propagava por toda a parte... Nada receia! Por isso, dá a luz da sua inteligência; o ardor do seu coração; o dinamismo da sua vida! Figura nobre a altiva de Militante!

Não conhece horas de descanso; ignora os prazeres do ócio; esquece os direitos da saúde. Para ele só há Cristo. Ou para o perseguir — quando Paulo orgulhoso; ou, então, para o amar — quando Paulo humilhado nos caminhos de Damasco.

Figura luminosa, que se alteia no firmamento da História de há já dois mil anos.

Ao terminar a sua vida, o curso dos seus dias no mundo, realizado o seu veemente apostolado,

(1) S. Paulo-2 Ep. a Timóteo Cap-IV-7 e 8.

presentido o negrume da morte, deixou, como testamento, a seu discípulo Timóteo, estas palavras de fogo, que não serão tanto o auto-retrato de uma vida, mas, antes, o lema da vida de todo o cristão autêntico...

«Combati o bom combate; terminei o curso da minha vida; guardei a fé; agora, resta-me a coroa da justiça que o Senhor, justo juiz, me dará, bem como a quantos amarem a Sua vinda!»

Senhores:

Estamos aqui, hoje, dominados pelo luto da morte, repungidos pela saudade, esfrangalhados pela perda de alguém que muito admiramos, que muito estremecemos, que muito amamos. Não o choraram, apenas, os da sua Família, que tanto o estremeciam e a quem ele tanto amava. Chorámo-lo todos nós porque todos perdemos um Amigo, porque todos perdemos um Benfeitor. Chora-o Portugal que lhe sentiu amargamente e mais sentirá a falta... Chora-o Braga — a sua Braga querida — que o sentirá sempre presente na herança de progresso que lhe legou. Choram-no os irmãos idolatrados, que tendo perdido, não há muito, o mais novo, perderam, agora, o mais destacado. Chora-o a Família! E chora-o, sem consolação, envolvida no luto sereno da viuvez, a que foi Senhora e desvelada companheira de todas as horas...

Perante este espectáculo de saudade, que falta faz aqui o orador?

Haverá, porventura, coisa mais eloquente do que este espectáculo que nos envolve?

Que venho, pois, fazer aqui?

Venho, vergado ao peso da responsabilidade, com a voz embargada pela comoção de ter perdido o Amigo que Deus chamou a Si, venho dizer-vos apenas, em jeito de elogio fúnebre, que ANTÓNIO

MARIA SANTOS DA CUNHA FOI UM CIDADÃO QUE NOBRE-
MENTE AMOU A SUA TERRA...

UM CRISTÃO QUE DEVOTADAMENTE AMOU A DEUS,
AMOU A CRISTO, AMOU A IGREJA.

UM AMIGO QUE SE DEU GENEROSAMENTE A TODOS
E AMOU COM PREDILECÇÃO OS HUMILDES.

Isto, se puder, vos venho dizer, marcando, assim,
o rumo do meu descolorido discurso, nesta hora lutuosa
e solene.



D. FRANCISCO MARIA DA SILVA
Arcebispo Primaz

Senhoras
e
Senhores

AMOU A SUA TERRA!

10 de Novembro de 1911

26 de Março de 1972

Quero citar estas duas datas que são extremos.

Uma, marca o despontar para a vida. É o princípio. Outra, na sua frieza arripante, baliza o termo, afirma o fim. Mas, caso curioso, a primeira, que marca o princípio diante de horizontes infindos e cheios de esperança, não tem o significado nem a transcendência da segunda, que não é um termo, não é, não poderá ser jamais, um fim, mas é o princípio da glória impercível. É, na verdade, o termo da glória do mundo que transita, vaporosa e rápida, na fugacidade das coisas perecíveis, e é, por mais paradoxal que pareça, o princípio do esplendor eterno, nos umbrais divinos, no amanhã resplandescente da História!

A Morte é amarga... mas é, do mesmo modo, redentora!

Um poeta-jornalista de Braga, diante da morte que nos enlutou, escreveu, com arte e o seu quê de verdade humana: «a morte de Santos da Cunha sabe

a autêntica injustiça»... (2) Falou assim, quem sabia que tanto nos custou perdê-lo! É que a sua vida foi operosa! Um ideal o dominou absorventemente... SERVIR. Servir a sua Terra — torrão querido de sua querida Pátria—; servir as suas instituições desportivas, assistênciais, culturais; servir denodadamente o seu Povo que tanto o estremecia.

Percorreu, sem descanso, os carreiros poeirentos das aldeias, ao romper da manhã ou ao tombar do dia, sob os raios calcinantes do Sol ou o tormento torturante da chuva, para que ali chegasse, em consolação e progresso, a luz que ilumina e aquece; para que ali pudesse subir o automóvel que conduz o médico para minorar os sofrimento na doença; para que ali se implantasse, entre flores, a fonte cristalina que mata a sede das coisas, dos animais e dos homens peregrinantes... As aldeias deste Concelho, ia mesmo a dizer deste Distrito, conheceram a sua presença, sempre interessada em resolver-lhes os problemas mais instantes. Amou o seu Povo, servindo-o sempre nos seus múltiplos interesses... Eu não posso, no curto espaço de tempo de que disponho, inventariar aqui, essa obra multímoda de beneficiações a quando da sua presença na Câmara desta Cidade. Mas não seria injusto pensar-se, como aliás o fizera, ainda há poucos dias, um dos maiores jornalistas radicado em Braga: «Braga poderá dividir-se em duas épocas: a de antes e a de depois de Santos da Cunha como Presidente da Câmara». (3) De feito, quem olha a Cidade, quem a percorre de lés a lés, quem a vê depois de alguns anos de ausência, não a conhece. A outra, pela magnitude e pelo encanto que deslumbra! Eis a sua obra!

(2) Jerónimo de Castro in Correio do Minho em 27-3-72

(3) Anibal de Mendonça in Primeiro de Janeiro em 16-4-72

Deus, ao trazê-lo à vida, dotou-o de qualidades admiráveis: inteligência lúcida e perspicaz; vontade forte e dominadora, coração generoso e compassivo, e, como resultante de todos estes predicados que exornavam a sua personalidade inconfundível, brilhava, como estrela, a sua gigantesca capacidade de iniciativa, que, do sonho, logo passava, quase miraculosamente, à acção e à realização. Braga, a Cidade Santa da Revolução, a Augusta Bracara dos Arcebispos, sente, na sua carne e na sua alma, na sua história e no seu futuro, o braço hercúleo de Santos da Cunha. Urbe nobilíssima e que o passado emoldurou de grandeza, estava envolvida pelo manto respeitoso do silêncio; cidade muralhada na tranquilidade e na pacatez inoperante, levanta-se, agora, alteia-se, lucila, maravilhosamente, numa arremetida insólita para o futuro. Alarga-se, rasgando horizontes em perspectivas infinitas; embeleza-se, com Avenidas e Ruas, por onde entram, a jorros, o Sol e a saúde; com Monumentos e Jardins; enriquece-se cultural e artisticamente, sendo hoje, sem lisonja nem favor, uma das mais lindas e progressivas do Império Português. Por toda a parte se expande a sua vitalidade, em ânsias de mais, na prosecução do impulso transfigurante que lhe foi dado pelo seu maior Mecenas de todos os tempos.

Amou a sua Terra nos seus autênticos valores!

Tendo a intuição dos valores divinos, tinha a consciência dos valores humanos. E sempre o preocupou o desejo de harmonizar uns e outros. Com um perfeito sentido das realidades, nunca tentou ignorá-las, mas nobremente as encarou e tudo fez para engrandecer e sublimar a Terra e suas Gentes. Levou uma vida de trabalho, de sacrifício, de progressivo esgotamento. Nesse caminho percorrido, ao longo de algumas décadas, semeou, por onde passava, o optimismo, a alegria,

o conforto, a felicidade. Toda a sua preocupação foi fazer o bem!

Poderia, com efeito, ao termo desse seu trabalho tão gigantesco e árduo, que se repartiu pela Cultura, promovendo congressos e sessões acadêmicas, pelo progresso do Distrito e da Cidade, pela promoção das aldeias, pelas Instituições e Casas de Assistência, poderia, com verdade, repetir a palavra de S. Paulo: «Bonum certamen certavi... Combati o bom combate...

FOI UM CRISTÃO QUE DEVOTADAMENTE AMOU A DEUS, AMOU A CRISTO, AMOU A IGREJA.

Antes de percorrer, em ligeiríssimo apontamento da sua vida, o sentido cristão da sua personalidade, de homem fervoroso, de crente, no verdadeiro sentido da palavra, temente a Deus, no que esta expressão encerra de respeitoso e amoroso, não queria deixar de aludir ao LAR, onde nasceu, cresceu e foi educado.

Lacordaire, o grande orador francês, escreveu um dia, em luminosa oração concionatória, que diante dum berço está descrita uma interrogação inquietante. Qual virá a ser o futuro de uma criança, que a Mãe amorosamente embala no bercinho, cantando-lhe tantas vezes com vontade de chorar? E logo acrescenta sentenciosamente: diante dessa criança, rasgam-se dois caminhos: o da dignidade, da honra, do heroísmo; mas, ao lado, o da miséria, do aviltamento, do crime. Forçosamente terá de seguir um. Quem ajudará essa criança a escolher? Quem lhe semeará na alma as sementes redentoras do bem? Quem lhe apontará docemente o caminho da glória?

É, perante estas interrogações, que sou forçado a reflectir convosco, nesta hora evocativa, no LAR onde

nasceu, cresceu e foi educada essa personalidade admirável do Comendador Santos da Cunha. Se lhe prestamos homenagem, prestámo-la, do mesmo modo, — e bem a merecem! — aos que carinhosamente o educaram para a vida. Lar profundamente cristão. Lar que foi sempre oficina de trabalho; lar que era altar de sacrifício, templo em que se cultuavam Deus e a Pátria. Lar onde vicejou e rescendeu o perfume imperecível da Tradição. Foi nesse lar que se formou o carácter vigoroso; o coração compassivo e sempre aberto ao perdão, a alma delicada e generosa deste valoroso e inesquecível cidadão. Foi aí, que ele, quase inconscientemente, aprendeu a lição, que, conscientemente, veio, depois, a realizar na vida. Lição do amor ao Trabalho. Lição do Amor à Família. Lição do amor à Pátria. Lição do amor a Deus!

Como escreveu o jornalista: «era um católico fervoroso, submisso, praticante e militante. Nunca reticente que dava o seu apoio total à Igreja e à Hierarquia» (4).

Sabe bem trazer para aqui, para esta tribuna sagrada, estas palavras que foram escritas noutra tribuna, que também é sagrada, apesar de muitas vezes a salpicar a lama dos caminhos por onde tem de andar...

Amou verdadeiramente a Cristo, amou devotadamente a Santíssima Virgem. Aceitai que traga para aqui o meu testemunho pessoal de convivência mútua, ouvindo-lhe tantas vezes desabafos de sentido espiritual, dando-lhe tantas vezes, o Corpo de Cristo Eucarístico, quando ele ajoelhava, humildemente, na velha Igreja Matriz de Barcelos, confundindo-se com o Povo. Quantas vezes o vi, até nas viagens, pegar do

(4) Anibal Mendonça l. c.

terço, que sempre trazia consigo, e rezar... rezar com amor!...

Amou a Igreja! Inserido no Corpo Místico de Cristo, nunca aceitou ser pedra morta dum edifício. A sua fé era sincera, desassombrada, firme e actuante. Nunca perdia a oportunidade de publicamente dar testemunho do seu amor a Cristo, concretizando-o, tantas vezes, na Igreja, cujos direitos defendia intransigentemente. A sua voz tonitruante fez-se ouvir muitas vezes, no jeito de orador popular e dominador, na Assembleia Nacional, defendendo calorosamente os direitos da Pátria e da Igreja. Uma e outra o reconheceram sempre, dando-lhe, por isso, público testemunho do seu apoio e gratidão. Se o seu nome aureolado está ligado a muitas Instituições de carácter cultural, como Real Academia Galega, Academia das Ciências Sociais e Políticas de S. Paulo, Sociedade Martins Sarmiento, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Associação Jurídica de Braga, está, do mesmo modo, vinculado ao reconhecimento do Estado e da Igreja, quando lhe conferiram as Comendas da Ordem de Cristo, Instrução Pública, S. Gregório Magno, Irmão Maior de S. Tiago, Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém. Isto é uma prova, entre tantas outras, de que foi fervoroso e sincero na sua fé, no seu amor, no seu trabalho ardoroso de defesa dos direitos imprescritíveis da Igreja, quando porventura, eram subestimados ou postergados fosse por quem fosse. Logo a sua voz e o seu prestígio combativo se punham incondicionalmente ao lado e ao serviço da Igreja Católica, em cujo seio nascera e se criara, e, finalmente, tivera a graça suprema de morrer tranquilamente na sua fidelidade e no seu amor.

Podia repetir, ainda, com o Apóstolo S. Paulo...
Fidem servavi... guardei a Fé. Fui dedicado, fui firme, fui fiel!

Quem ousará negá-lo?

FOI AMIGO QUE SE DEU A TODOS, COM ESPECIAL PREDILECÇÃO PELOS HUMILDES

Neste momento, sinto o conflito doloroso da palavra e da ideia, da palavra e do sentimento. Na verdade, a palavra, por mais escolhida que seja, por mais expressiva, nunca poderá dizer tudo quanto há de grande e sublime na acção de Santos da Cunha no que concerne aos humildes. Quem poderá contar essa história de caridade fraterna que se desborda em generosidade pelos outros? Quem poderá descrever a montanha de sentimento amoroso que o inundava perante as misérias alheias? Os pobrezinhos, a quem secou lágrimas, os doentes a quem tantas vezes consolou, os desprezados para quem teve sempre desvelo e ternura, as criancinhas a quem distribuía mimos e carinhos, quem saberá dizer tudo isso? Não, não é possível levantar um hino à altura dessa obra ímpar que só o coração sabe viver, sabe sentir... E quem a conhecerá toda, em todos os seus pormenores e matizes, quem poderá contar as benemerências que a mão esquerda fazia sem que a direita desse por isso?...

Quem saberá, verter em palavras, o que há de sublime e divino, no desprendimento, na doação, na entrega de bens, de saúde, de amor?

Não, não pronunciemos mais palavras, porque nos arriscamos a empanar o brilho e as rutilâncias de uma obra tão grande em favor dos desprotegidos.

Amou a Terra, amou a Deus, amou a Cristo, amou a Igreja, amou os Humildes... Por isso, podia

acrescentar como o Apóstolo: *cursum consumavi...*
enchi os dias da minha vida!

E agora?

Ao contemplar a montanha que se elevou alta-
neira e ao sentir o vazio que se abriu nesta Terra,
repungido de saudade, não posso deixar de aceitar
que foi um homem que impressionou profundamente
o seu tempo.

Impressionou-o pelo fulgor combativo da sua
palavra, pronta, nervosa, empolada, vibrante nas horas
grandes da Pátria.

Impressionou-o pelo sem exemplo corajoso, firme,
devotado até à loucura pelo bem comum, especial-
mente pelos necessitados.

A sua vida foi holocausto!

Podéria, também, dizer com S. Paulo: só me
resta a coroa da justiça que Deus, justo juiz, prometeu
e dará, aos que O acreditaram e amaram. Vós, Senhor,
que tudo conheceis, que tudo pesais, que, apesar das
nossas fraquezas, usais de misericórdia, dareis a coroa
da glória a quem tudo fez por a merecer.

Nesse dia tão festivo de Ramos, comemorativo do
triumfo terreno de Cristo, na Cidade Santa de Jerusa-
lém, houve festa! Quisestes, Senhor, que nesta nossa
Cidade, em vez de Ramos e alegria, houvesse violetas
e lírios roxos de tristeza, lágrimas e suspiros, plangên-
cias doloridas que os sinos levaram a todos os recantos,
enquanto a notícia da morte do Governador do Dis-
trito, surpreendendo, a todos mergulhava em pranto e
luto. Começou aí, nesse momento lancinante, a tecer-se,
pelas mãos da justiça e da gratidão, a coroa de glória
do homem que serviu a Terra e serviu a Igreja!
O cortejo de presenças votivas era interminável...
A dor generalizou-se a todos tivemos a sensação de que
um membro da família tinha caído para sempre.

Junto da urna funerária, ajoelharam milhares de pessoas, de todas as categorias sociais, a prantear e a sufragar a alma de quem em vida tinha sido sempre arauto do bem e da caridade. Era a coroa a engrinaldar-se dos variados matizes da amizade, da gratidão, da saudade, da admiração e da ternura.

As horas, lentamente, iam passando e tornavam realidade fria e dolorosa aquilo que a tantos de nós parecia sonho. Quase se não acreditava que o roble gigantesco tinha sucumbido... quase não se acreditava que houvesse coragem de fazer tombar o gigante... A morte rondava e não quis dialogar... Agiu abruptamente, para não ter de aguentar a força de vontade do homem que tudo vencida... no receio, quiçá, de ser vencida... Ela bem sabia que o não matava! Ela bem sabia que seria vencida!

Ele não morreu! Está vivo nos nossos corações. E, por isso, em sinal do sentimento dum Povo que é Portugal, a cerimónia do seu funeral foi impressionante, foi assombrosa. Mole de gente, tudo de luto, silêncio envolvente e ondulante que se comunicava às coisas e às pessoas... Naquele templo do Hospital, a tecer-lhe a coroa, a presença da Igreja e a presença de Portugal. O venerando Arcebispo Primaz, elo doirado da cadeia luminosa dos Arcebispos de Braga, rodeado de concelebrantes, profere, então, emocionadamente, as palavras mais acomodadas e eloquentes sobre a personalidade do Morto. Não era possível dizer-se melhor. Acreditei, então, naquilo em que hoje, quanto a mim, não acredito. Acreditei que as palavras disseram tudo... ideias e sentimentos...

Ali esteve Portugal, no seu Governo, na pessoa augusta e hierática do Senhor Presidente do Conselho, que se deslocou a Braga em homenagem ao Governador Defunto, que ajoelhou junto da urna, e que, a pé,

acompanhou à última jazida o cadáver de Santos da Cunha.

Ali estava o Clero, a Nobreza e o Povo, irmanados nos mesmos sentimentos, abraçados na mesma dor, comungantes do mesmo sacrifício. Ali estavam todos, velando o cadáver, rezando ao Senhor, sob as harmonias celestes do canto gregoriano e polifónico que assombrava e docemente tranquilizava na esperança celeste.

Era a coroa que o Divino Juiz já dava neste mundo a quem denodadamente O serviu...

São estas palavras, saídas do coração de quem tanto o estimou, orvalhadas de lágrimas de infinda saudade, que quero deixar aqui em jeito de oração humilde.

A todos vós, senhoras e senhores, o meu derradeiro pedido, possivelmente, a minha palavra mais expressiva. Rezemos, rezemos com piedade, por ANTÓNIO MARIA SANTOS DA CUNHA, a oração que o Senhor nos ensinou.

PAI NOSSO.

DO DICIONÁRIO DOS ESCRITORES E ARTISTAS
CONTEMPORÂNEOS transcrevemos:

«A. Rocha Martins (Alberto da Rocha Martins) sacerdote católico e Professor do Ensino Liceal, residente em Barcelos, da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, nasceu em Semelhe—Braga, em 1917. Foi Director do «Jornal de Barcelos», tem colaborado nas publicações «Diário do Minho», «Correio do Minho», «Diário Ilustrado», «Debate», «Distrito de Braga», etc., e publicou: «DEBRUÇADO SOBRE O EVANGELHO» (1953); «O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA» (1955-1ª Edição.) «NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA» (1960); «SONHO E CERTEZA» (discurso); «PALAVRAS DE SAUDADE» (1960); «UM SONHO... UMA VIDA... UMA PRESENÇA.» (Conferência).»

biblioteca
municipal
barcelos



10567

Elogio fúnebre do Comendador
António Maria Santos.